



VIII

ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA
DO SUDOESTE PENINSULAR

ENCUENTRO DE ARQUEOLOGÍA
DEL SUROESTE PENINSULAR

Serpa//Aroche
24, 25 e 26 de outubro de 2014



FICHA TÉCNICA

ATAS DO VIII ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR
Serpa-Aroche, 24, 25 e 26 de outubro de 2014

Edição: Câmara Municipal de Serpa

Coordenação Editorial: Samuel Melro - Susana Correia |DRCALEN|

Fotografias Encontro: Câmara Municipal de Serpa-Gabinete de Informação,
Comunicação e Imagem

Fotografias Palavras Prévias: José Baguinho - Susana Correia

Design e produção gráfica: 100 Luz / Weblime

Depósito Legal: 444410/18

ISBN: 978-989-8187-19-2

Tiragem: 1000 exemplares

1ª Edição | Serpa, 2018

A opção pela escrita seguindo ou não as regras do novo acordo ortográfico, nos artigos em português, é da responsabilidade dos seus autores.

“FOLIÁCEOS OVÓIDES” E “GRANDES PONTAS BIFACIAIS” NOS POVOADOS DE S. PEDRO (REDONDO)

Diana Nukushina
(UNIARQ)

Rui Mataloto
(CM Redondo)

Catarina Costeira
(UNIARQ/FCT) Bolseira de doutoramento FCT SFRH/BD/76693/2011

Marina de Araújo Igreja
(ENVARCH, CIBIO-INBIO, Universidade do Porto)

Resumo

O sítio de S. Pedro (Redondo, Alentejo), ocupado entre os finais do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e, caracteriza-se por uma abundante componente artefactual em pedra lascada, sobretudo em xistos siliciosos e quartzitos. A partir de uma primeira abordagem tecno-tipológica a este conjunto lítico, é destacável a presença de utensílios foliáceos de talhe bifacial, prestando-se aqui um especial enfoque aos chamados “foliáceos ovóides” e “grandes pontas bifaciais” pela sua raridade no contexto neo-calcolítico da região alentejana.

Abstract

The archaeological site of S. Pedro (Redondo, Alentejo), occupied between the final of the 4th and the beginning of the 3rd Millenium b.C., is characterized by a huge quantity of lithic industry remains, namely on siliceous slates and quartzites. Through a first technological and typological approach to this set, a significant presence of bifacial retouch tools was detected. In this text, we will focus on the “ovoid bifaces” and “large bifacial points”, due to their scarcity in the Neo-Chalcolithic of Alentejo region.

0. Localização do sítio, intervenção arqueológica e faseamento

O sítio de S. Pedro localiza-se no Alentejo Central, distrito de Évora, freguesia e concelho de Redondo, no cimo de um cabeço alongado de vertentes íngremes e topo aplanado, a 322 m de altitude, sobranceiro, pelo lado Nascente, à planície central de Redondo, na margem Sul da Serra d'Ossa. A sua implantação confere-lhe um amplo domínio visual sobre o território que se estende para Poente e Sul, sendo mais limitado para Norte, onde se alarga, ainda assim, até à Serra d'Ossa, quedando-se para Nascente pela cadeia de elevações da Crista de Redondo (Fig. 1).

Atendendo ao conjunto artefactual em análise, indústria lítica talhada, importa fazer uma breve contextualização geológica. O cabeço de São Pedro corresponde a uma elevação de micaxistos que se ergue na margem Nascente da planície granodiorítica, escassos quilómetros a Sul das serranias da formação da Ossa, onde uma complexa sucessão geológica, organizada NW-SE, dominada por micaxistos, filitos e xistos cinzentos se eleva acima da planície, antecedendo o sinclinal de Terena (Feio e Martins, 1993). Estas faixas de xistos siliciosos existentes a Norte e Nascente poderão com bastante probabilidade constituir a origem das matérias-primas dominantes na produção lítica talhada do São Pedro.



Fig. 1: Localização do sítio de S. Pedro na Península Ibérica

A intervenção arqueológica do sítio de S. Pedro foi motivada pela construção da circular externa de Redondo, cujo traçado atravessava o cabeço, impondo o desmantelamento de cerca de 2/3 do sítio. A escavação arqueológica de salvaguarda, dirigida por um de nós (RM), desenvolveu-se em três fases distintas, entre 2004 e 2009, intervindo numa área de aproximadamente 2000 m² (Fig. 2).

O sítio arqueológico de São Pedro já conta com cerca de dez anos de investigação, sendo diversificada a lista de artigos publicados sobre a sequência de ocupação do sítio, baseados essencialmente nos resultados das primeiras campanhas de escavação (Mataloto, *et alii*, 2007; 2009; Mataloto, 2010), as datações de radiocarbono (Mataloto e Boaventura, 2009; Mataloto e Gauss, no prelo), contextos específicos (Mataloto, *et alii*, no prelo), estudos de faunas (Davis e Mataloto, 2012) e artefactuais (Costeira, 2010, 2012; Costeira e Mataloto, 2013; Costeira, *et alii*, 2013). Esta bibliografia permitirá uma leitura mais pormenorizada dos povoados de São Pedro do que aquela que aqui apresentaremos.

O cerro de São Pedro foi ocupado entre os finais do 4º milénio a.n.e. e grande parte do 3º milénio a.n.e., de que resultaram cinco grandes momentos, marcados pela presença ou ausência de grandes estruturas de fortificação. O faseamento proposto decorre, assim, essencialmente, dos actos de construção, reconstrução e abandono das grandes estruturas de fortificação do sítio. De facto, não interpretamos este sítio como um povoado único, com uma história



Fig. 2: Vista geral do sítio com indicação dos sectores da intervenção

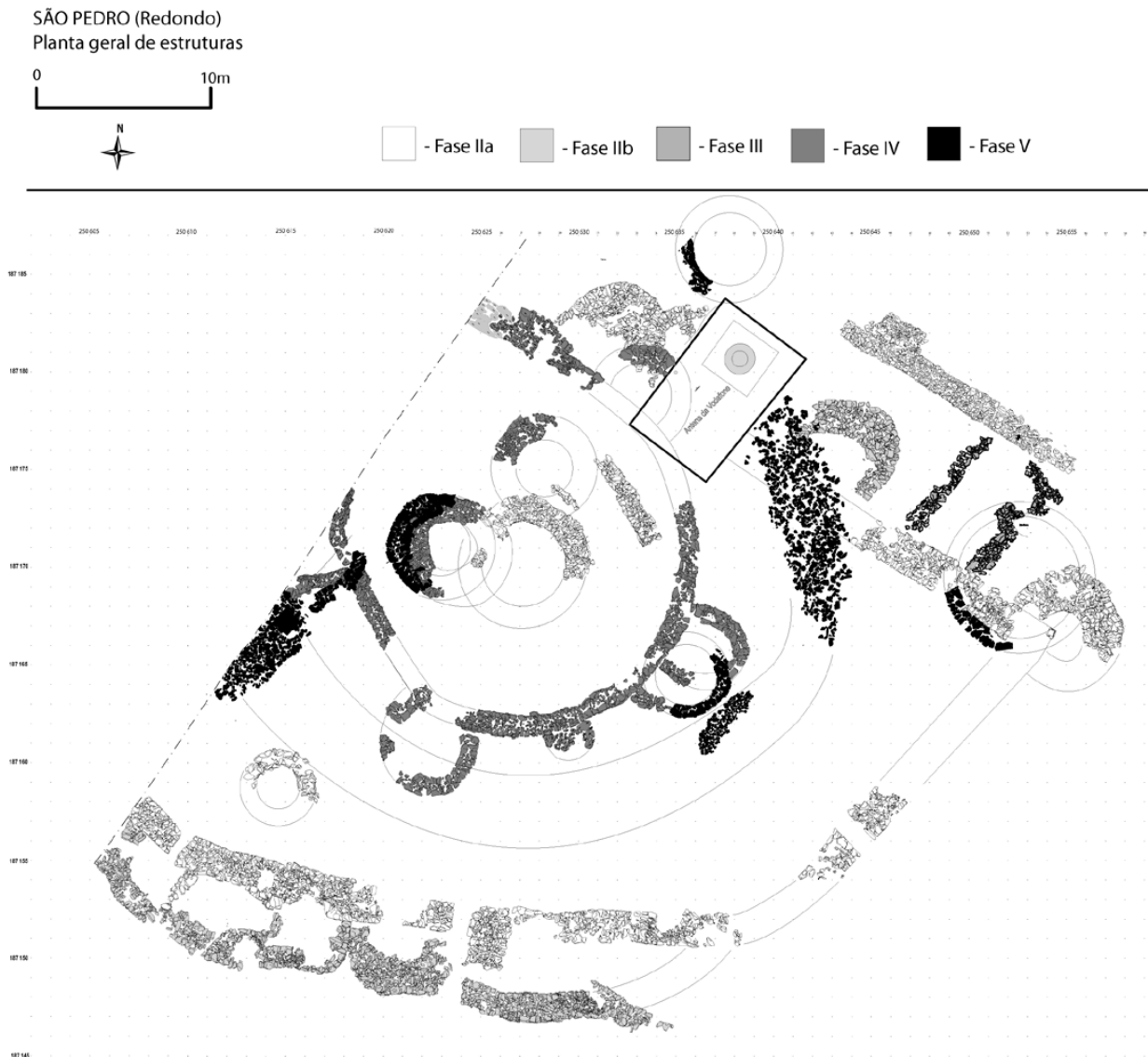


Fig. 3: Planta do sítio de S. Pedro, com indicação do faseamento proposto

linear de fundação, expansão, declínio e abandono, mas como uma multiplicidade de povoados com dimensões, arquitecturas e tempos diferentes (Fig. 3).

A uma ocupação inicial, aparentemente aberta, caracterizada por estruturas essencialmente em materiais perecíveis e enquadrada na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e., sucede-se a primeira grande fase construtiva, com a edificação de uma linha de muralha, de planta poligonal, dotada de espessos bastiões pelo exterior (fase II). No interior, identificaram-se duas torres centrais e um conjunto diversificado de estruturas construídas com elementos pétreos e materiais perecíveis, lareiras e múltiplas estruturas negativas com diferentes morfologias, dimensões e funções. A par dos vestígios destas estruturas identificou-se um conjunto artefactual (em estudo) muito vasto e diversificado, principalmente no que se refere às categorias de elementos cerâmicos e líticos, com um elevado estado de fragmentação, o que permite defender que o espaço delimitado foi utilizado para a vivência quotidiana prolongada de uma comunidade humana relativamente estável e alargada (Mataloto, 2010, 279).

Provavelmente, nos inícios do segundo quartel do 3º milénio a.n.e, após o abandono e desmantelamento de grande parte das estruturas anteriores, desenrola-se uma ocupação aparentemente aberta (Fase III). É ainda complexo determinar se esta fase se desenvolve em continuidade com a anterior, ou se resulta da reocupação do cabeço após o seu abandono temporário. Todavia, este momento de ocupação deixou poucos traços, essencialmente relacionados com construções frustes, em terra, madeira e pedra, de que se destaca uma grande cabana de planta quadrangular.

O povoado da fase IV caracteriza-se pela construção de uma pequena estrutura de fortificação, delimitando um espaço de cerca de 300 m², de planta circular, provida de um conjunto de bastiões semicirculares pelo exterior, que sofre remodelações ao longo do tempo. No interior, registaram-se duas torres circulares, desenvolvendo-se grande parte das estruturas de habitação e actividade quotidiana na área exterior, como se comprova pela identificação de um conjunto significativo de construções em pedra seca e materiais perecíveis, bem como pela quantidade de vestígios artefactuais registados. Após o abandono destas estruturas, em particular da fortificação, desenrola-se uma nova ocupação aberta, caracterizada pela presença de um conjunto de cabanas, de planta circular, com embasamento pétreo, dispersas por toda a área intervencionada (Fase V). O fim desta ocupação é marcado pela construção de um empedrado sem grande expressão altimétrica, que sobrepunha parcialmente o traçado da primeira muralha, acompanhando a planimetria circular da muralha da Fase IV. A edificação desta estrutura poderá ter o significado simbólico de selar e / ou monumentalizar um espaço que deixou de ser habitado, estando eventualmente relacionada com estratégias de reforço da identidade de grupo nos finais do 3º milénio a.n.e. (Mataloto, 2010).

A intensa dinâmica de construção, utilização e desmonte das estruturas domésticas e de fortificação nos povoados de São Pedro condiciona todo o processo de formação da realidade estratigráfica, impondo a raridade dos contextos primários de rejeição e a dificuldade na identificação de eventuais deposições intencionais de materiais. Este dinamismo condicionou bastante o estado de conservação dos artefactos líticos, nomeadamente das categoriais em análise que, submetidos a intensas remobilizações, se apresentam muito fragmentados e dispersos. Na realidade, estas são as condicionantes tafonómicas usuais de ocupações prolongadas num mesmo local, sem que se registem momentos de abandono súbito. O quotidiano destes sítios conduz, portanto, a uma estratigrafia fina, dinâmica e extremamente complexa, que impõe fortes reservas a leituras diacrónicas e espaciais simples.

1. Contexto de recuperação das peças

A intervenção arqueológica, tendo decorrido num contexto de salvaguarda, procurou um sério equilíbrio entre a rapidez e a sistematização das recolhas. Não foi usado crivo, excepto pontualmente, o que não impediu a recolha de material lítico com escassos milímetros. Não cremos que outras opções metodológicas tivessem alterado substancialmente os resultados, ainda que a pressão do tempo e as condições sócio-culturais impostas no decorrer dos trabalhos, em particular na última campanha, tenha certamente dificultado o processo. O registo tridimensional dos artefactos, líticos ou outros, foi considerado em geral despidendo, na justa medida em que nos encontrávamos quase sistematicamente perante contextos de formação antrópica de remobilização. Na realidade, optando-se por um registo em Open Area, qualquer subdivisão da unidade estratigráfica foi considerada sem validade intrínseca; sempre que tal se julgou pertinente, como por exemplo a

deposição de formas cerâmicas completas ou outras concentrações artefactuais, isolou-se em unidade estratigráfica.

Por opção, o quartzo foi apenas parcialmente recolhido, quando se considerava ter vestígios de talhe, o que pode ter conduzido à sub-representação desta matéria-prima. Todavia, seria manifestamente complexo recolher todo o quartzo presente no local, na justa medida em que este fazia parte do substrato geológico, com claros filões encaixados nos xistos.

A área de escavação foi organizada em seis sectores, de A a F, para orientar a abordagem no terreno, simplificar a organização da informação e permitir a rápida localização dos dados. Estes sectores não têm significado funcional, nem leituras estratigráficas específicas. O sector A localizava-se no interior da linha de muralha da Fase IV; o sector B correspondia ao espaço existente entre as duas linhas de muralhas, sendo o mais extenso e complexo, concentrando numa fina estratigrafia o cerne de toda a ocupação do cerro durante o período aqui em estudo. O sector C localizava-se a Sul, na área exterior à muralha da fase II, enquanto o sector D se situava no lado Norte, na zona de maior declive, apresentando grande potência estratigráfica. Os sectores E e F localizavam-se a Oeste, sendo o primeiro definido pela antena de telecomunicações e o muro de limite de propriedade, e o segundo resultando de um alargamento de cerca de 200m² efectuado num momento avançado da obra já na propriedade seguinte.

2. Caracterização geral da indústria lítica do S. Pedro (sector B)

2.1. Metodologia

Foram seguidos os pressupostos teórico-metodológicos subjacentes ao conceito de “cadeia operatória” (definido por autores como Inizian, *et alii*, 1999). A caracterização tecno-tipológica seguiu, com adaptações, os critérios utilizados em trabalhos sobre indústrias líticas de cronologia neo-calcolítica, como Carvalho (1995/1996; 2009), Forenbaher (1998; 1999), Diniz (2007) e Sousa (2010).

Dada a grande dimensão do conjunto recuperado, optou-se aqui por apresentar de forma sumária, alguns dados gerais da indústria de pedra lascada proveniente apenas do sector B (total de 3379 peças), por este ser um dos sectores em que esta componente artefactual é mais abundante, muito provavelmente por ter constituído o cerne da área habitada durante os diversos momentos de ocupação.

2.2. Visão geral

Globalmente, o conjunto lítico analisado apresenta um elevado grau de fragmentação, constituindo este um factor fortemente limitador da caracterização tecno-tipológica. Com efeito, a maior parte das peças analisadas do sector B corresponde a fragmentos inclassificáveis de xistos siliciosos/jaspes, cujas marcas de talhe são, frequentemente, de difícil identificação.

Excluindo estas peças, dominam os utensílios retocados no conjunto. O material debitado não-retocado encontra-se escassamente representado, destacando-se a presença de pequenas lascas e alguns suportes alongados (lamelas, sobretudo de quartzo, e fragmentos de lâminas) (Fig. 4).

Ao nível das matérias-primas, denota-se uma utilização maioritária de xistos siliciosos/jaspes, destacando-se também, a frequência de quartzos e quartzitos finos disponíveis localmente (Fig. 5). Ocorre algum surgimento de peças em sílex, sobretudo ao nível dos produtos laminares, que deverá ter uma proveniência não-local. A relevância da utilização de xistos siliciosos/jaspes e quartzos na produção artefactual, a par da escassa representação do sílex, apresenta similitudes com realidades observadas em outros povoados do Calcolítico do Sudoeste Peninsular, como o Monte da Tumba, Setúbal (Silva e Soares, 1987), os Perdigões, Reguengos de Monsaraz (Lago, *et alii*, 1998), a Perdigoa, Alandroal (Calado, 2001), o Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (Rodrigues, 2011; Santos e Rocha, 2011), ainda que com dados preliminares, ou o Porto das Carretas, Mourão (Soares, 2013), e que contrastam com a situação verificada na Estremadura portuguesa, área geologicamente muito distinta, revelando, no entanto, uma estratégia de aprovisionamento semelhante, ao basear-se na matéria-prima disponível localmente. Não obstante, a realização de análises mais detalhadas das matérias-primas envolvidas será de grande utilidade para clarificar questões relacionadas com a proveniência e uso das mesmas.

2.2.1. Núcleos

Embora escassos no conjunto, destaca-se o facto de a maioria ter sido obtida em quartzo. São frequentes os núcleos informes/poliédricos destinados à extracção unidireccional de lascas. A quase ausência de núcleos de lâminas, bem como a escassez de núcleos em outras matérias-primas para além do quartzo, são elementos a favor da hipótese de proveniência externa dos suportes laminares de sílex em bruto, ou mesmo já retocados. Por outro lado, a cadeia operatória do xisto silicioso/jaspe seria realizada a partir de blocos tabulares reduzidos a placas, retocadas por forma a obter os utensílios (Fábregas Valcarce e Rodríguez Rellán, 2008).

2.2.2. Debitagem

Ao nível do material debitado em bruto, quantitativamente escasso relativamente aos utensílios retocados, dominam as lascas (68,2%). No entanto, em geral apresentam uma reduzida dimensão (comprimento médio = 30 mm) e cerca de metade (50%) foi obtida em quartzo, aparentemente correspondendo a um talhe local com escassa padronização. A existência de uma cadeia operatória do quartzo dirigida para a produção de lascas tem paralelo no povoado dos Perdigões (Lago, *et alii*, 1998, 121) e no Porto das Carretas (Soares, 2013, 205). A presença de lamelas tem algum significado (28,3%), tendo sido maioritariamente obtidas em quartzo hialino, situação também verificada nos Perdigões (Lago, *et alii*, 1998, 148). Por outro lado, as lâminas em bruto são escassas.

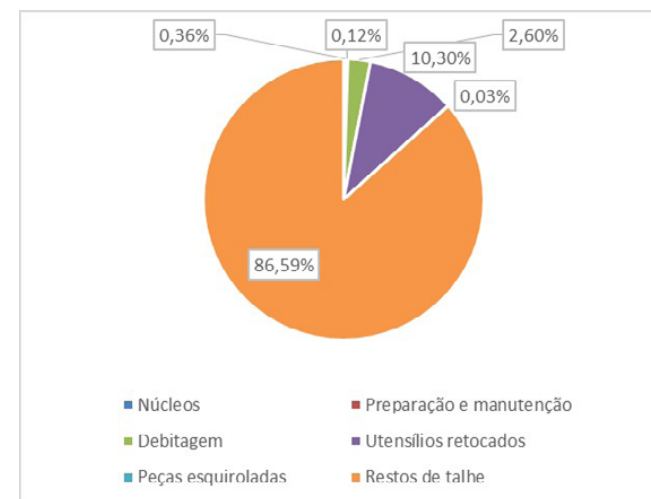


Fig. 4: Representação das categorias tecnológicas da indústria lítica proveniente do povoado do S. Pedro, sector B (N = 3379).

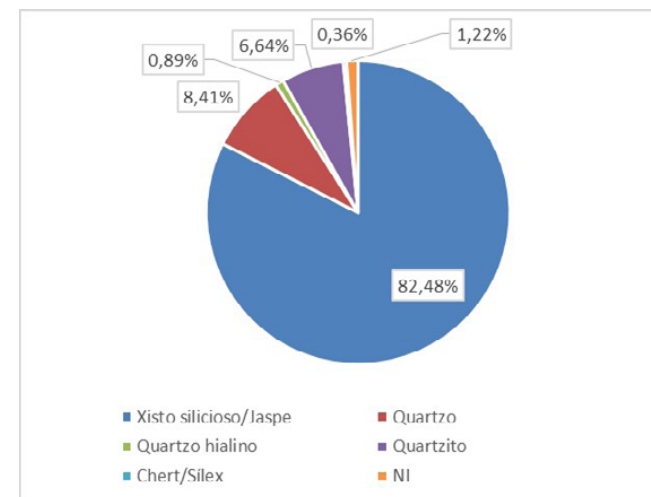


Fig. 5: Representação das matérias-primas por peso (g), entre os restos de talhe/fragmentos não-classificáveis do sector B (N = 9582 g)

2.2.3. Utensílios retocados

A elevada fragmentação do conjunto do sector B levou à identificação de uma grande quantidade de fragmentos com retoques bifaciais e outros (17%), tipologicamente difíceis de enquadrar em categorias mais específicas.

A parte mais destacada deste conjunto (46,7%) corresponde à numerosa presença de pontas de seta, obtidas sobretudo em xistos siliciosos/jaspes. Seguem-se, com bastante menor importância, as peças com retoque marginal, maioritariamente lâminas em sílex e quartzitos finos. A ausência de núcleos laminares e de peças resultantes da preparação e redução dos mesmos aponta para que o São Pedro tivesse representado apenas um contexto de consumo.

Os foliáceos ovóides e as “grandes pontas bifaciais” identificados correspondem a cerca de 2% deste conjunto.

3. Os “foliáceos ovóides” e as “grandes pontas bifaciais” em S. Pedro

3.1. Problemas em torno da classificação tipológica

Foram identificados dez “foliáceos ovóides” e oito peças foram classificadas como “grandes pontas bifaciais”, correspondendo ao total documentado nos diversos sectores da intervenção levada a efeito no São Pedro. Embora constituam um conjunto pouco numeroso dentro do universo da pedra lascada do S. Pedro, é isolável pelas suas características específicas e importância ao nível crono-cultural.

O elevado estado de fragmentação do conjunto lítico do S. Pedro, em geral, levou a que tenha sido afastado deste sub-conjunto um numeroso grupo de fragmentos com retoque bifacial que poderão ter constituído parte deste tipo de utensílios. De igual forma, em 8 casos não foi possível identificar especificamente o sub-tipo de foliáceo em causa, tendo sido impossibilitada uma análise mais pormenorizada.

Considerou-se que a utilização do termo “foliáceos ovóides” (Forenbaher, 1998, 1999; Sousa, 2010; Jordão, 2010) corresponderia a uma opção terminológica sem as limitações morfológicas e funcionais de outros termos que, ainda que alvo de discussão, continuam a ser mais frequentemente utilizados na literatura arqueológica, como o de “lâminas ovóides” (Serrão e Vicente, 1980; Boaventura, 2009), “facas ovóides” (Zilhão, 1994; Amaro, 2004/2005), “foicinhas ovais” (Carvalho, 2009) ou “lâminas foliáceas” (Cardoso e Martins, 2013).

Segundo, A. F. Carvalho (1995/1996), as “peças foliáceas largas” (que incluem “... «alabardas», «foicinhas» e peças afins”...) são caracterizadas pela presença de retoque plano invasor ou cobridor bifacial, ocasionalmente em “peladas”, sendo produzidas sobre lascas largas e espessas, nódulos achatados ou plaquetas. Exclui desta categoria outros tipos de peças que poderão apresentar aquele retoque, como as pontas de seta e as lâminas. No entanto, a extensão do retoque não se encontra definida de forma unânime, verificando-se algumas variações consoante os autores. De acordo com a definição de Forenbaher (1998), os “foliáceos ovóides” constituem, em específico, uma categoria de utensílios de forma oval

ou sub-rectangular sem extremidades apontadas, conformados por retoque bifacial invasor, sendo relativamente espessos e de secção transversal normalmente assimétrica, tendencialmente plano-convexa. Não obstante, de acordo com J. L. Cardoso e F. Martins (2013), as “lâminas foliáceas” correspondem a “... artefactos afeiçãoados, numa ou em ambas as faces, por retoques que podem ir do cobridor ao marginal” (Cardoso e Martins, 2013, 426). Com efeito, no S. Pedro, em algumas peças foliáceas analisadas, verificamos a ausência de retoque cobridor das faces, limitando-se à presença de um retoque bifacial curto, longo ou invasor, conferindo, contudo, a forma ovóide ou em ponta. Esta situação particular revelou-nos alguma insuficiência e rigidez das definições tipológicas conhecidas para os utensílios líticos desta cronologia.

No caso das “grandes pontas bifaciais”, estas foram definidas por Forenbaher (1999) enquanto artefactos que se diferenciam das pontas de seta simplesmente pela sua dimensão superior, e dos “foliáceos ovóides” pela sua forma apontada. É ainda referido que a maioria destas peças apresenta superfícies polidas. No S. Pedro, foram identificadas peças com retoque bifacial com uma dimensão superior às pontas de seta (> 5 cm) e com uma forma apontada, que classificámos como “grandes pontas bifaciais” por estarem morfologicamente de acordo com a definição supra-citada, não obstante não apresentarem a grande dimensão, nem a elaboração tipicamente referidas para os grandes foliáceos neo-calcolíticos do tipo alabarda ou punhais, estando também ausente o polimento. A utilização do termo “foliáceo apontado” (Sousa e Gonçalves, 2012) poderia constituir uma outra opção, embora não esteja isento de alguma ambiguidade terminológica, ao considerarmos que as pontas de seta fazem parte do grupo das peças foliáceas e apresentam, também elas, uma forma apontada.

Podemos destacar ainda o facto de algumas peças foliáceas do S. Pedro apresentarem formas bastante irregulares - diversidade que, mais uma vez, dificultou a sistematização tipológica, reconhecida em outros conjuntos (Forenbaher, 1999), como por exemplo, em Vila Nova de S. Pedro, Azambuja (Amaro, 2004-2005) e no Penedo do Lexim, Mafra (Sousa, 2010).

3.2. Caracterização geral

Os artefactos incluídos nestas duas categorias revelam grande variabilidade formal. As peças em causa provêm sobretudo dos sectores B e D do sítio em apreço. No entanto, dada a sua escassa quantidade e distribuição por distintas unidades estratigráficas, é difícil correlacionar a sua presença com momentos específicos do faseamento do sítio, ainda que surjam ligeiramente mais representadas nas fases IV / V.

3.2.1. “Foliáceos ovóides”

A maior parte das peças foi obtida em xistos siliciosos/jaspes (Fig. 6, Fig. 7). Ressalta-se a dificuldade na determinação do suporte de origem destes utensílios, sendo que em apenas quatro casos foi possível verificar a utilização de lascas. Os comprimentos das peças inteiras oscilam entre os 50 e os 90 mm, embora seja necessário considerar que a maior parte das peças se encontra fracturada. A espessura média de 7 mm é reveladora de peças relativamente finas, se atendermos ao tipo de matérias-primas utilizadas.

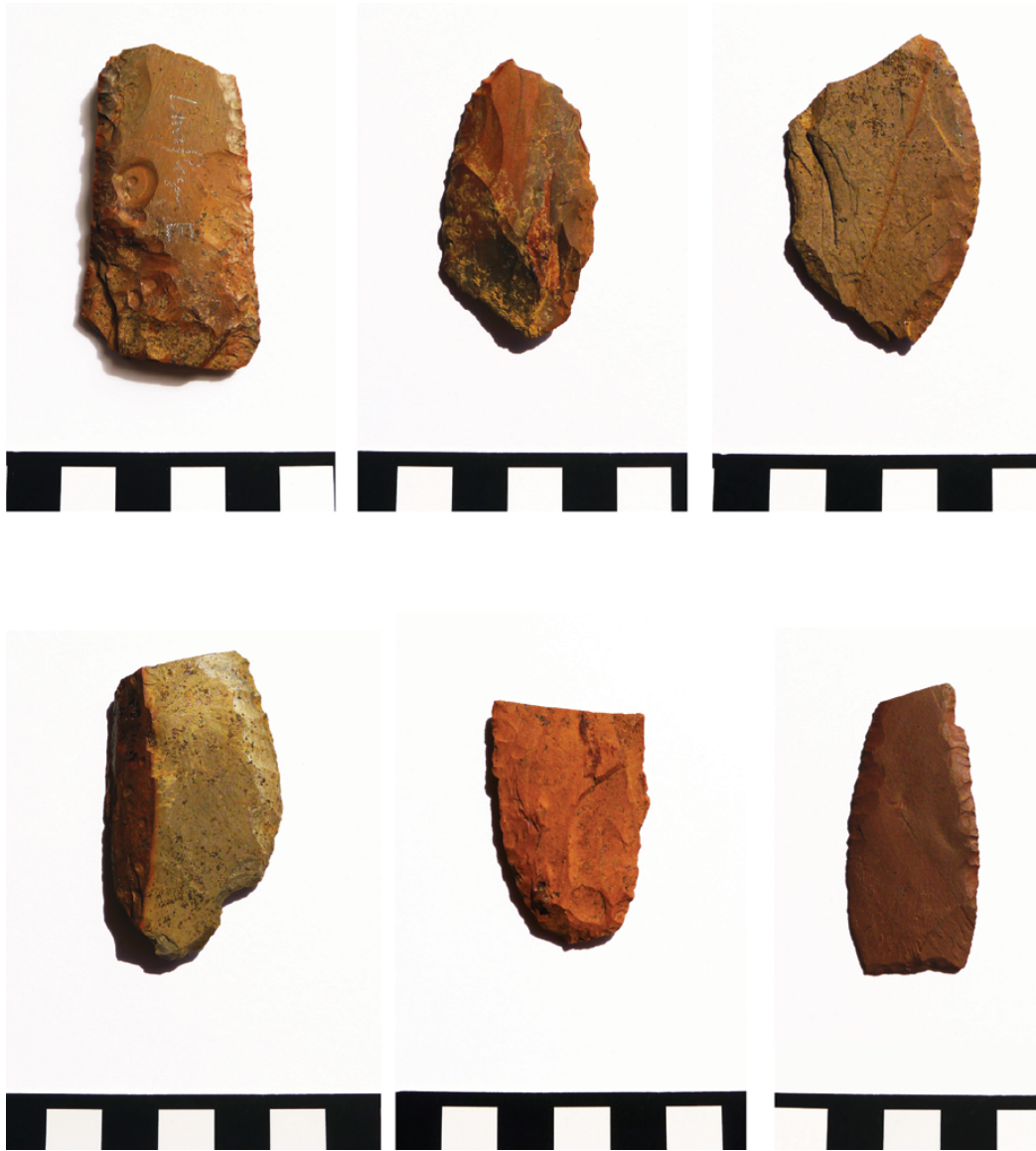


Fig. 6: Foliáceos ovóides do S. Pedro

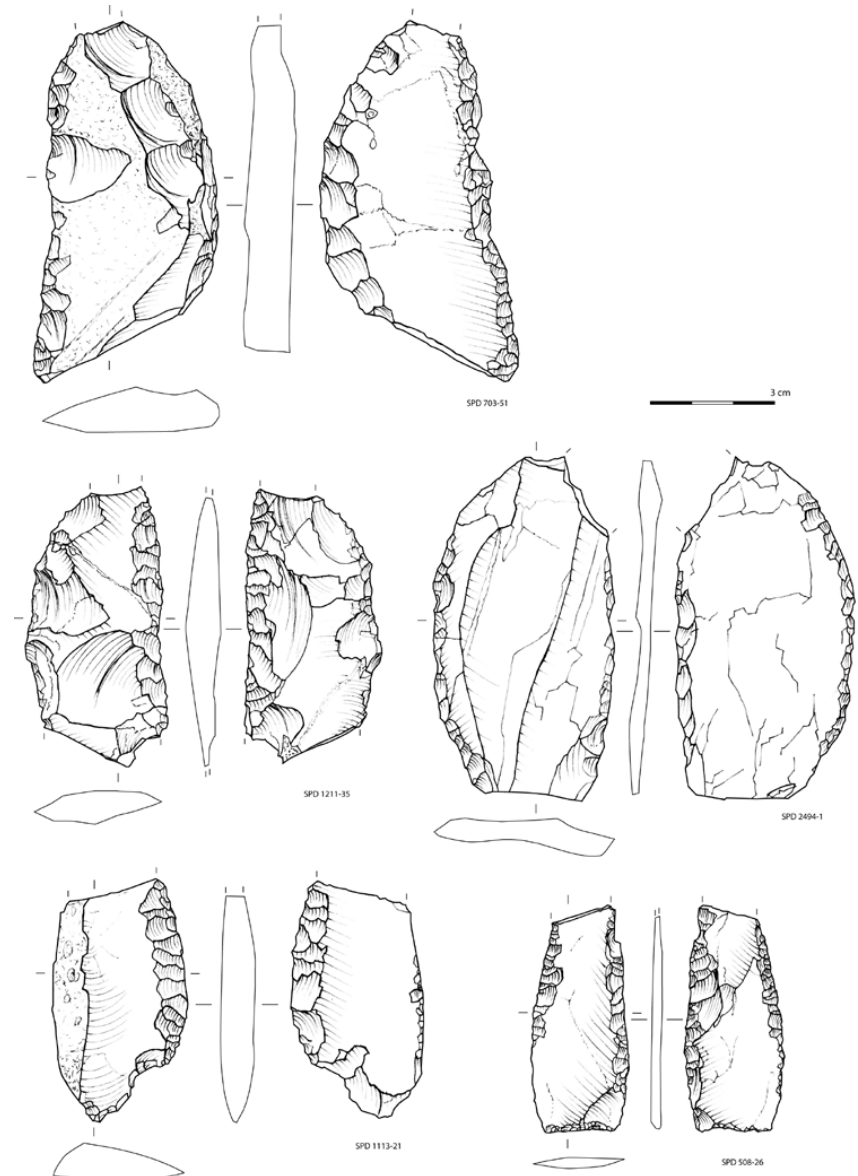


Fig. 7: Foliáceos ovóides do sítio do S. Pedro

A morfologia destes utensílios revela alguma diversidade, sendo frequentes as formas ovaladas e sub-rectangulares, com bordos paralelos ou convergentes. Verifica-se a aplicação de retoque bifacial e rasante, não obstante a extensão ser variável, sendo que em cinco casos, o retoque é invasor, e longo em quatro peças, praticamente limitado aos bordos. Com efeito, o retoque cobridor encontra-se ausente deste conjunto. As secções transversais plano-convexas são visíveis em cinco peças, e resultarão da tendência para um maior investimento ao nível do retoque numa das faces da peça, frequente na produção deste tipo de utensílios (Sousa, 2010, p. 187).

A maioria destas peças dirá respeito às fases finais de produção. Não obstante, o carácter das matérias-primas utilizadas, mais propriamente a não utilização do sílex, terá imposto condicionantes particulares ao processo produtivo, tornando difíceis as extrapolações interpretativas com base em características morfológicas a partir de casos conhecidos, como os da Estremadura (Forenbaher, 1999). É, no entanto, de destacar que em sete exemplares se verificam marcas de alterações térmicas (brilho intenso observável nas áreas de retoque dos bordos, associado com frequência a marcas de potlid) que deverão ter resultado da aplicação de tratamento térmico numa fase anterior ao retoque dos bordos (fase intermédia da produção).

Em termos funcionais, a análise traceológica realizada recentemente por uma das signatárias (MI) a este conjunto permitiu aferir que, apesar do bom estado de preservação das superfícies dos utensílios, apenas duas peças revelam sinais evidentes de utilização (SPD [265] 64 e SPD [2494] 1), que consistem no polimento do bordo, num dos casos, associado a microestrias de orientação paralela ao mesmo (Fig. 8). Estes vestígios são atribuíveis ao corte de materiais macios, como a pele seca, e não ao processamento de cereais.

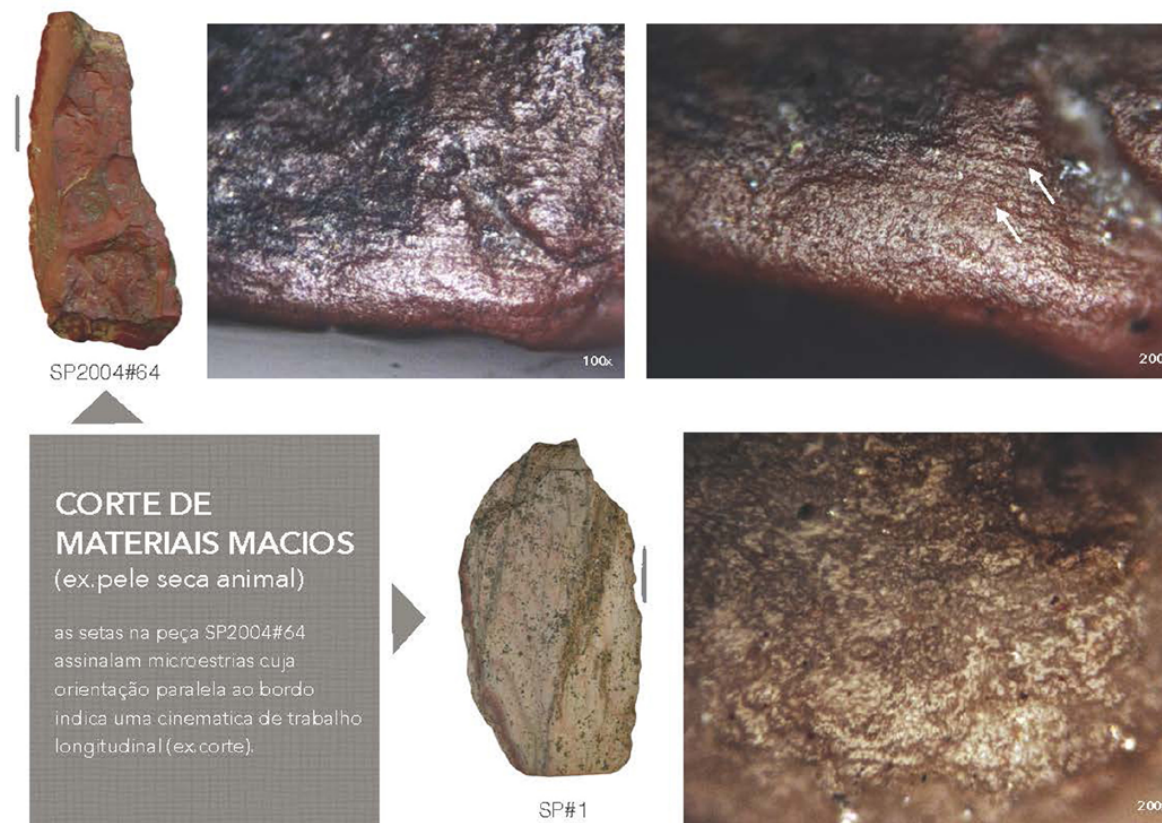


Fig. 8: Resultados da análise traceológica realizada aos “foliáceos ovóides” – peças com sinais evidentes de utilização. As setas na primeira peça assinalam microestrias.

3.2.2. “Grandes pontas bifaciais”

Todas as peças identificadas foram obtidas em xistos siliciosos/jaspes utilizando, em dois casos, lascas como suporte e noutros dois fragmentos/placas de xisto silicioso (Fig. 9, Fig. 10).

As formas são alongadas, predominantemente estreitas-arredondadas ou arredondadas com secções sobretudo plano-convexas. As peças inteiras apresentam um comprimento médio de 62 mm e largura média de 26 mm, dados que evidenciam a pequena dimensão destes utensílios, embora seja necessário ter em consideração que as peças de maior dimensão se encontram fracturadas.

Apesar do estado fragmentário da maioria destas peças, é possível verificar que apenas em três exemplares é visível a aplicação de retoque bifacial invasor numa ou em ambas as faces, sendo frequente a limitação da extensão do retoque à área dos bordos (como é o caso de SPD [3087] 2 e SPD [2830] 1), conferindo-lhe um reduzido grau de elaboração. Dois exemplares apresentam vestígios de aplicação de tratamento térmico, mais uma vez nas áreas dos bordos alvo de retoque. A maior parte das peças corresponderá a fases intermédias e finais de produção.

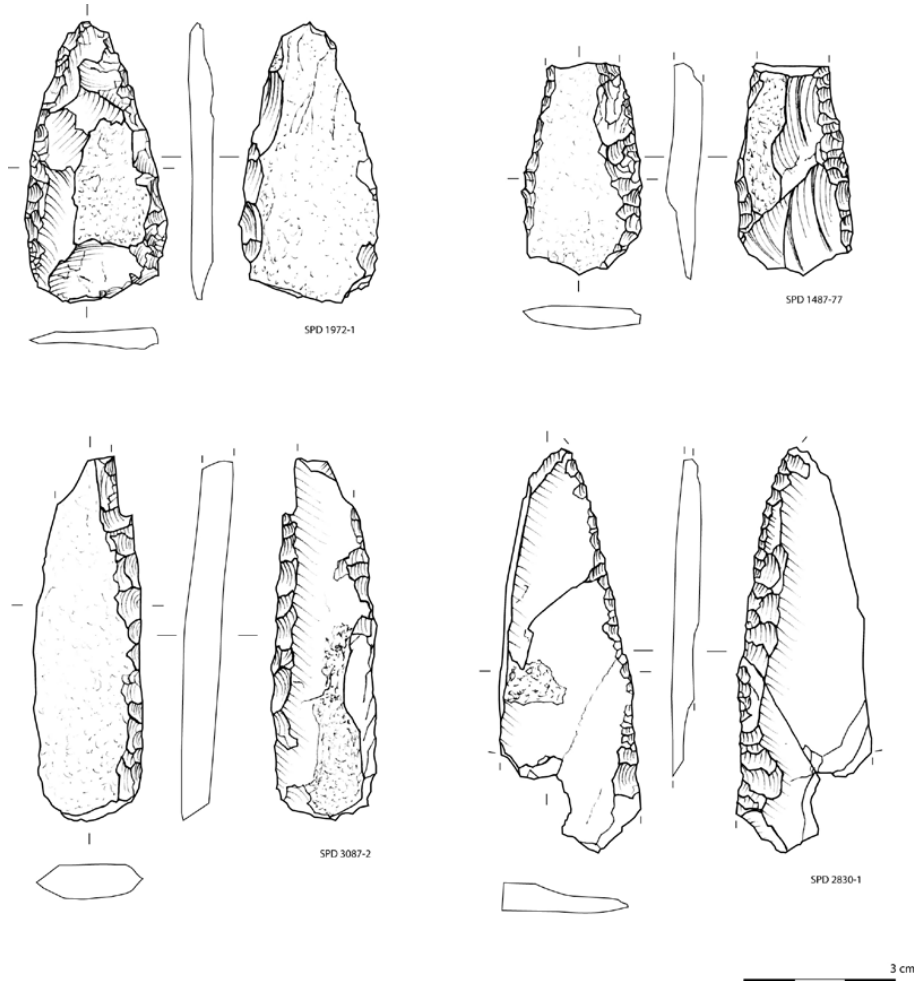


Fig. 10: “Grandes pontas bifaciais” do sítio de S. Pedro



Fig. 9: “Grandes pontas bifaciais” de S. Pedro

4. Integração cultural e perspectivas no contexto do Neolítico final - Calcolítico do Sudoeste peninsular

A preferência pela produção de foliáceos em detrimento das produções laminares tem sido relacionada com o processo de normalização morfométrica das produções líticas referido para o Neolítico final e Calcolítico do actual território português (Carvalho, 2009). Em particular, os “foliáceos ovóides” têm mesmo sido considerados como os utensílios mais característicos do Calcolítico da Estremadura Portuguesa (Clemente-Conte, Mazzucco e Soares, 2014), em geral manufacturados a partir de lascas de grande dimensão ou lâminas em sílex, talhados por percussão directa e retocadas bifacialmente por pressão, com utilização de aquecimento térmico. Tem sido referido que estes se restringem quase exclusivamente a contextos calcolíticos, sobretudo habitacionais, das Penínsulas de Lisboa e Setúbal, destacadas pela abundância de sílex (Forenbaher, 1999, 81, 98; Amaro, 2004-2005, 72; Boaventura, 2009, 238). A raridade destas peças na região alentejana é de assinalar (Fig. 11), tendo sido a sua presença identificada em escassos contextos funerários (Boaventura, 2009, 238-239). Por outro lado, a produção destas peças tem sido associada à existência de rede de trocas de média e longa distância (Forenbaher, 1998, 1999).

Não obstante, a análise aqui apresentada aponta para que a presença de “foliáceos ovóides” e de “grandes pontas bifaciais” nos povoados do S. Pedro decorra maioritariamente da sua produção local. Esta é-nos sugestionada, por um lado, pela sua irregularidade formal e raridade no conjunto de utensílios recuperado, o que aponta para uma presença assistemática, e, por outro, pela utilização de rochas disponíveis localmente na sua produção (xistos siliciosos/jaspes), empregadas também na obtenção de pontas de seta, abundantemente representadas na colecção em diferentes estádios de produção. Os condicionalismos resultantes das matérias-primas utilizadas na produção das peças foliáceas no S. Pedro poderão explicar a ausência de formas regulares e elaboradas características das peças em sílex identificadas em outros contextos,

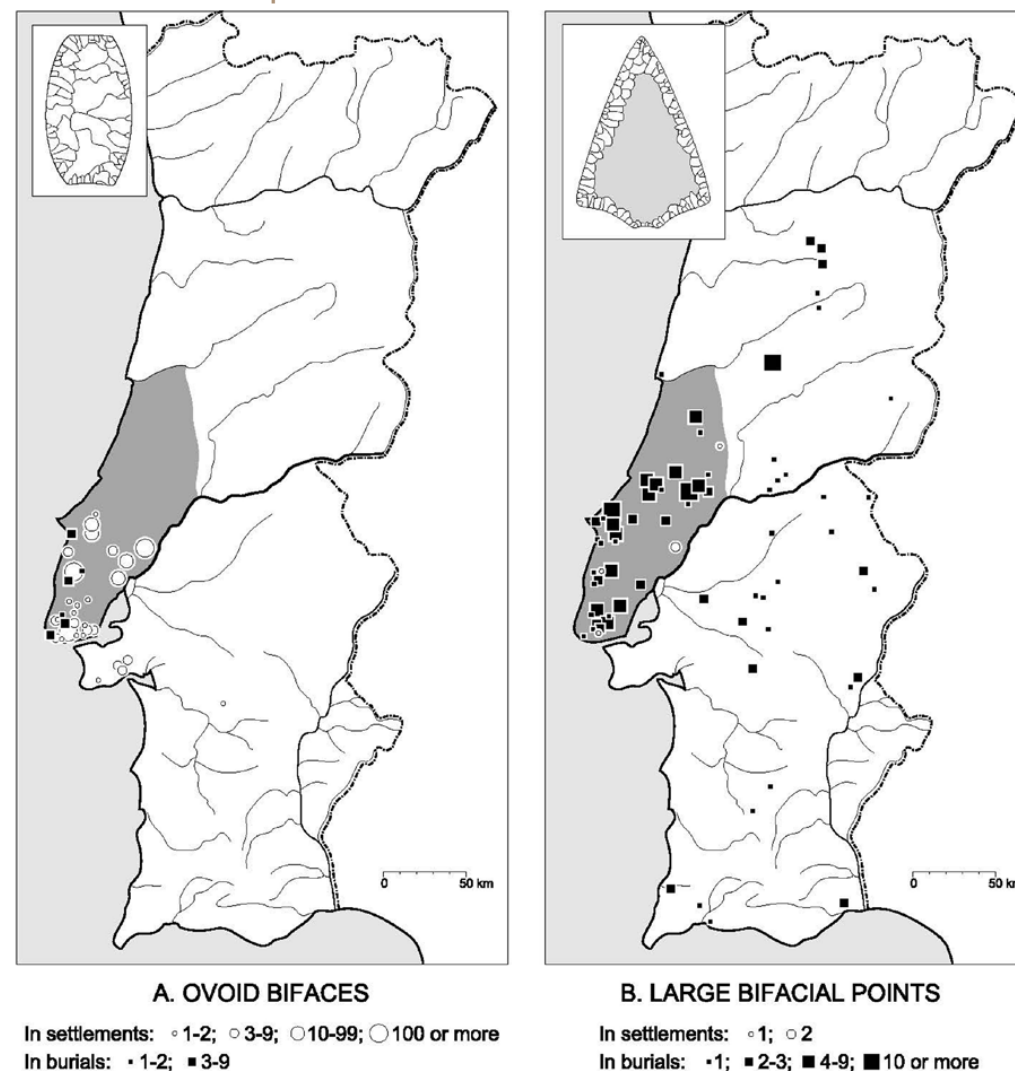


Fig. 11: Distribuição geográfica dos foliáceos ovóides e grandes pontas bifaciais no território actualmente português, em povoados e necrópoles (Forenbaher, 1999, p. 98, fig. 40)

nomeadamente estremenhos. Esta situação coloca ainda dificuldades na caracterização tipológica destas peças. Ainda que com grandes diferenças ao nível, sobretudo, da matéria-prima e do grau de elaboração do retoque, a presença dos “foliáceos ovóides” no S. Pedro sugere um cenário de reprodução do conceito e adaptação aos condicionalismos locais. As peças classificadas como “grandes pontas bifaciais” serão, com efeito, resultado da mesma lógica de produção local, diferenciando-se das pontas de seta ao nível da dimensão e, frequentemente, do tipo de retoque. Distinguem-se, no entanto, das “alabardas”, “punhais” e “pontas de dardo” referidas por Forenbaher (1999), entre outros aspectos, pelas reduzidas dimensões, menor elaboração ao nível do retoque e ausência de polimento. Com efeito, “alabardas”, “punhais” e “pontas de dardo” têm sido reconhecidas no Centro e Sul de Portugal, mas em contextos funerários, e não em povoados (Sousa e Gonçalves, 2012, 385). Os utensílios do São Pedro aparentam, não obstante, tratar-se de peças de utilidade prática, e não simbólica.

A funcionalidade dos “foliáceos ovóides” tem sido um tema de discussão na Arqueologia portuguesa e motivo para o uso de diferentes termos, nomeadamente “lâminas ovóides”, “facas ovóides”, “foicinhas” ou “lâminas de foice” (Forenbaher, 1999). Desde meados do século XX, por diversas vezes foram associados a práticas agrícolas (Paço, Bartholo e Brandão, 1959). Na recente análise da indústria lítica do povoado de Leceia, Oeiras (Cardoso e Martins, 2013), as “lâminas foliáceas” foram relacionadas com o processamento de cereais e o aumento das actividades produtivas. No entanto, as análises funcionais destas peças em território português encontram-se praticamente por realizar, facto que constitui uma forte lacuna na sua interpretação funcional. Com efeito, uma das mais antigas (e únicas) análises deste tipo realizadas diz respeito ao trabalho de Cunha Serrão e Prescott Vicente (1980), sobre um conjunto de dez peças de contextos habitacionais da Estremadura (Olelas e Negrais), apontando para a sua utilização em actividades de corte, aguçamento e raspagem. No entanto, mais recentemente, foi realizada uma análise a cinco peças deste tipo provenientes de contextos funerários de Carcavelos, Cascais, tendo duas peças revelado traços de uso atribuíveis ao trabalho de matéria vegetal (Boaventura, 2009, 239). Por sua vez, foi publicada uma análise funcional dos “foliáceos ovóides” do povoado de Chibanes, Setúbal, realizada recentemente (Clemente-Conte, Mazzucco e Soares, 2014). As evidências detectadas apontam para a prática de actividades relacionadas com o processamento de cereais, nomeadamente de corte de tipo foice e de separação de grãos, constituindo estas peças, de acordo com os autores, um indicador da importância da economia agropecuária com produção de excedentes. Os resultados da análise traceológica das peças do S. Pedro, ainda que apenas duas peças tenham revelado sinais de utilização, sugerem que a sua associação a actividades agrícolas em geral poderá não ser directa. Por outro lado, as já referidas particularidades tecno-tipológicas destas peças no S. Pedro poderão estar relacionadas precisamente com o desenvolvimento de outras funcionalidades, não ligadas a actividades agrícolas.

Efectivamente, não cremos ser despendendo na análise do conjunto lítico em apreço o facto de mais de 50% da

fauna recuperada nas diversas fases do São Pedro ser proveniente de actividades cinegéticas, em particular de veado, com 36%, o que poderá condicionar bastante o uso dos diversos utensílios líticos (Davis e Mataloto, 2012, 52). Deste modo, não apenas a caça do animal, mas igualmente o aproveitamento passível de ser realizado da sua pele e hastes são actividades que deverão ter reflexos ao nível da tipologia e uso destes artefactos. Por um lado, o estudo traceológico aqui apresentado permite asseverar o uso, talvez não exclusivo, dos “foliáceos ovóides” no tratamento de peles; por outro lado, sabemos que os animais caçados, mas igualmente os domésticos, estavam representados nos conjuntos faunísticos por todas as suas partes anatómicas, o que nos indicia o processamento das carcaças no local.

No seguimento deste trabalho, ainda em fase preliminar, e a partir do manancial de dados proveniente do sítio do S. Pedro, pretendemos continuar a aprofundar a reflexão sobre questões relativas às indústrias líticas de cronologia calcolítica na região alentejana, nomeadamente a diversidade formal das peças foliáceas, o impacto dos condicionalismos locais nas cadeias operatórias e os fenómenos de produção e circulação de artefactos e ideias no Neolítico final e Calcolítico do Sul Peninsular.

5. Referências bibliográficas

- AMARO, Gonçalo (2004-2005) – Interpretação das facas ovóides (foicinhas) através do estudo dos exemplares de Vila Nova de S. Pedro. *Arqueologia & História*. 56-57, pp. 63-80.
- BOAVENTURA, Rui (2009) - *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Lisboa: [s.n.], 2009. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Vol. 1.
- CALADO, Manuel (2001) – *Da Serra d’Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 19).
- CARDOSO, João Luís; MARTINS, Filipe (2013) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20, pp. 357-524.
- CARVALHO, António Faustino (1995-1996) – O talhe da pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: tecnologia e aspectos da organização da produção. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* Lisboa. 3-4, pp. 41-60.
- CARVALHO, António Faustino (2009) – O talhe da pedra na Pré-história recente de Portugal: 2. O estado actual da investigação. *Praxis Archaeologica*. 4, pp. 67-91.
- CLEMENTE-CONTE, Ignacio; MAZZUCCO, Niccolò; SOARES, Joaquina (2014) - Instrumentos para siega y procesado de plantas desde el Calcolítico al Bronce antiguo de Chibanes (Palmela, Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. 71:2, pp. 330-342.
- COSTEIRA, Catarina (2010) – *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3º milénio a.n.e.* Lisboa: [s.n.], 2010. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- COSTEIRA, Catarina (2012) – Placas e crescentes – Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo, 3º milénio a.n.e.). *Arqueologia e História*, 62-63, Lisboa, pp.23-37.
- COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2013) – Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central) In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. - *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Villafranca de los Barros, pp.625-667.
- COSTEIRA, Costeira; MATALOTO, Rui; ROQUE, Conceição (2013) – Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4º / 3º. Milénio a.n.e. dos povoados de S. Pedro. (Redondo). In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *A Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 397-406
- DAVIS, Simon; MATALOTO, Rui (2012) – Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5: 15, Lisboa, pp. 47 – 85.
- DINIZ, Mariana (2007) - *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 48).
- FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos (2008) – Gestión del cuarzo y la pizarra en el Calcolítico peninsular: el “Santuario” de El Pedroso (Trabazos de Aliste, Zamora). *Trabajos de Prehistoria*. 65:1, pp. 125-142.
- FEIO, Mariano; MARTINS, António (1993) - O relevo do Alto Alentejo (traços essenciais). *Finisterra*. XXVIII, 55-56, pp. 149-199.
- FORENBAHER, Stašo (1998) – Production and Exchange during the Portuguese Chalcolithic: the case of bifacial flaked stone industries. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55:2, pp. 55-71.
- FORENBAHER, Stašo (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress [British Archaeological Reports – International Series, 756].
- INIZIAN, Marie-Louise; REDURON-BALLINGER, Michèle; ROCHE, Hélène; TIXIER, Jacques (1999) – *Technology and Terminology of Knapped Stone*. Traduzido por Jehanne Féblot-Augustins. Nanterre: CREP (Préhistoire de la Pierre Taillée, 5). 189 p.
- JORDÃO, Patrícia (2010) - *Análise de proveniência de matérias-primas líticas da indústria de pedra lascada do povoado calcolítico de S. Mamede (Bombarral)*. Lisboa: [s.n.], 2010. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António Faustino (1998) – O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 45-152.

MATALOTO, Rui (2010) – O 4.º/3.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., ed. - *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 263-296.

MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2007) – As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In CERRILLO, Enrique; VALADÉS, Juan, eds. - *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo. Actas de las Jornadas de Arqueología del Museo de Cáceres*, 1. Cáceres. Consejería de Cultura y Turismo (Memórias, 6), pp. 113-141.

MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2009) - Die kupferzeitlichen Befestigungen von São Pedro (Redondo), Alentejo, Portugal. *Madrider Mitteilungen* Wiesbaden. 50, pp. 3-39.

MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2009) – Entre vivos e mortos nos 4º e 3º milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 31-77.

MATALOTO, Rui; GAUSS, Roland (no prelo) – Construtores e metalurgistas: faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central) In *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Estremadura, Südportugal und Südwestspanien: Vom Fertigprodukt zur Lagerstätte. Arbeitstagung Alqueva-Staudamm, 27. bis 30. Oktober 2005*. Série Iberia Archaeologica. DAI: Abteilung.

MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; ROQUE, Conceição (no prelo) – Torres, cabanas e memória – A fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.

PAÇO, Afonso do; BARTHOLO, Maria de Lurdes; BRANDÃO, Augusto (1959) - Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa 1958)*. Lisboa: Junta Nacional de Educação. 1. pp. 147-159.

RODRIGUES, Filipa (2011) – *Minimização de Impactes sobre o património cultural do sítio arqueológico do Porto Torrão. Relatório de escavação arqueológica*. Crivarque. (Relatório inédito - IGESPAR). Lisboa.

SANTOS, Raquel; ROCHA, Miguel (2011) – *Relatório final da 2ª fase de intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo. Sectores 1 e 2. Neoépica*. (Relatório inédito - IGESPAR). Lisboa.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; VICENTE, Eduardo Prescott (1980) - Lâminas de sílex ovóides e subrectangulares: interpretação funcional. *Trabalhos dos Grupo de Estudos de Arqueológicos do Porto*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 4, pp. 7-45.

SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I – Escavações arqueológicas de 1982-1986 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, pp. 29-79.

SOARES, Joaquina (2013) - *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.

SOUSA, Ana Catarina (2010) - *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Lisboa: [s.n.], 2010. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientada por Victor S. Gonçalves. 2 vol. Policopiado.

SOUSA, Ana Catarina; GONÇALVES, Victor (2012) - In and out. Tecnologias, símbolos e cultura material. Interações e identidades regionais no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e.. *Congrés Internacional Xarxes al Neolític – Neolithic Networks . Rubricatum. Revista del Museu de Gavà*, 5, pp. 383-392.

ZILHÃO, João (1994) - A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2, Edições Colibri, Lisboa, pp. 35-46.